

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A Cinemateca com o Doclisboa: A Viagem Permanente – O Cinema Inquieto da

Geórgia – Georgia on My Mind 2

31 de Outubro de 2020

## EN CHEMIN / 2003

“A Caminho”

*um filme de Mikheil Kobakhidze*

**Realização e Argumento:** Mikheil Kobakhidze / **Fotografia:** Antoine Briot, Nikoloz Sukhichvili / **Som:** François Colin / **Direcção Artística:** Nino Morbedadze / **Interpretação:** Cyr Chevalier.

**Produção:** Gérard Paulès / A3 Productions / Arkeion Films / Baiacedez Films (França) / **Cópia:** em DCP (original em HD), preto e branco, sem diálogos / **Duração:** 13 minutos / **Primeira apresentação pública:** 29 de Março de 2003, Festival de Curtas-Metragens de Pantin, França / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

## OKROS DZAPI / 2019

“O Fio Dourado”

*um filme de Lana Gogoberidze*

**Realização:** Lana Gogoberidze / **Fotografia:** Goga Devdariani / **Som:** Nassim El Mounabbih, Bastien Planchenault / **Montagem:** Salome Aleks, Elene Assatiani / **Música:** Guia Kantcheli / **Direcção Artística:** Simon Matchabeli / **Interpretação:** Nana Djordjadze (Elene), Guranda Gabunia (Miranda), Zura Kipchidze (Artchil), Nino Kirtadze (a filha de Elene), Temiko Tchitchinadze, Nini Iachvili, Paata Inauri, Davit Kvirtskhalia

**Produção:** Salome Aleks, Koka Togonidze / 3003 Film Production / **Cópia:** em DCP (original em 4K), cor, legendado em inglês e electronicamente em português / **Duração:** 91 minutos / **Título internacional:** Golden Thread / **Primeira apresentação pública:** 4 de Dezembro de 2019, Festival Internacional de Tbilissi / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

*Duração total da projecção: 104 minutos / Sessão apresentada por Marcelo Felix.*

---

AVISO: A cópia em DCP de **En Chemin** apresenta uma curta quebra de som quase no final. Pelo facto pedimos as nossas desculpas.

---

Elene: “Ouvimos a voz da alegria em toda a nossa cultura”

Artchil: “Talvez seja isso que nos salvou”

*dos diálogos de Okros Dzapi*

Em 2003, com **En Chemin/A Caminho**, Mikheil Kobakhidze (1939-2019) regressa ao cinema depois de uma ausência de mais de três décadas para assinar este que é o seu último filme. **En Chemin** é na realidade a sexta curta-metragem de uma escassa filmografia, obra

que realiza muitos anos depois das cinco anteriores, produzidas entre 1961 e 1969, data em que foi proibido filmar.

Como escrevemos a propósito de **Kolga/O Chapéu de Chuva** (1966), já exibido neste programa, Kobakhidze foi um dos muitos criadores georgianos que, no contexto da União Soviética, viu a sua obra censurada e amputada, configurando-se mais uma história de vida trágica que contudo não abala a leveza que atravessa os seus filmes. **En Chemin** é assim a sua primeira obra produzida num contexto de liberdade, realizada já em França, país para onde se mudou nos anos noventa. E o que surpreende em **En Chemin** é o facto de, não obstante um hiato de tantos anos face aos filmes anteriores, revelar um olhar e um cinema quase inalterados, como que congelados no tempo. Se **Kolga**, na sua assumida aproximação ao cinema mudo, se apresentava já como um objeto anacrónico no contexto em que foi produzido, **En Chemin** reforça esse deslocamento, revelando a coerência de um mundo interior em permanente desfazamento face ao tempo presente.

Filme igualmente mudo e a preto e branco, acompanhado por uma omnipresente banda musical tocada ao piano, **En Chemin** transporta-nos para um universo mágico aberto ao inconsciente cujo protagonista é um viajante acabado de chegar a uma praia deserta vindo do mar. É entre o sono e a vigília que se desenha um mundo poético pleno de símbolos, em que uma tempestade tudo transporta num turbilhão incessante. Nesta desregulação dos objectos com que o protagonista se relaciona em exímias coreografias evocamos o cinema de Buster Keaton, referência cara aos surrealistas, como também o eram toda a panólia de objectos que aqui encontramos a voar em claro contraste com a brancura da areia: o chapéu preto, o guarda-chuva, as malas, a cadeira. Motivos e imagens que encontram eco em todo um rico imaginário artístico, da pintura de René Magritte, a uma famosa “vista sobre o Monte Fuji” de Hokusai (posteriormente recriada por uma fotografia de Jeff Wall), ou na portentosa “série das dunas” de Shoji Ueda, fotógrafo japonês que toda a vida combinou uma representação realista com elementos surreais. No seu caminho para um outro mundo, **En Chemin** revela-se claramente como um gesto de despedida por parte de um criador fiel a um mundo interior inspirado por uma enorme delicadeza.

A sessão prossegue com o mais recente filme de Lana Gogoberidze, cineasta nascida em 1928 em Tbilissi, que com **Okros Dzapi/O Fio Dourado** (2019) assina também como que um filme-testamento. Com um forte subtexto autobiográfico atravessado por uma enorme melancolia, **Okros Dzapi** surge como um balanço simultâneo de uma vida e da História de um país face aos impasses do presente. Um filme que interroga simultaneamente o envelhecimento e o devir de uma nação na sua relação com o passado numa perspectiva “proustiana”. Fechando um programa bastante abrangente sobre cinema georgiano, **Okros Dzapi** é assim como que o último capítulo de um todo que nos permite olhar para trás e rever retrospectivamente tantas questões a floradas ao longo destes dias.

A protagonista de **Okros Dzapi** é uma escritora octogenária que partilha a sua casa com familiares de diferentes gerações. Casa com uma história ancestral onde se encontra confinada, que estará no centro de um filme quase inteiramente centrado nesse espaço doméstico (com uma única excepção da sequência final). É a partir dessa casa que Elene termina um livro e olha para o mundo enquanto representante de uma geração: a da elite intelectual georgiana que confrontou a ex-URSS, que acompanhou a difícil transição e que persiste em afirmar os valores e a independência da cultura georgiana. É clara a preocupação de Lana Gogoberidze com o modo como se lida com os traumas do passado, bem visível na relação de Elene com a imposta presença da sogra, Miranda, antiga alta

funcionária soviética em permanente saudosismo face ao passado e é da coexistência física entre estas duas velhas senhoras e das suas diferentes visões do mundo que nasce grande parte da riqueza de um filme que nos revela um mundo pleno de complexidade e contradições.

Como em “**Algumas Entrevistas sobre Assuntos Pessoais**”, importante filme que Gogoberidze realizou em 1978, reencontramos aqui personagens femininas fortes que irradiam uma imensa independência, mas também um mal-estar existencial e uma imensa solidão que se acentua com a idade, que avança paralelamente ao envelhecimento da cineasta. Em pólos politicamente opostos, Elene e Miranda partilham uma mesma solidão, que reiteram em permanência no seio de uma casa muito povoada. É essa solidão que as aproxima, como aproximará Elene e Archil, personagem vinda do passado que contribui para todo este questionamento do tempo presente. E é entre uma necessidade de uma não submissão ao passado e a conservação da sua memória que se decide um filme que se aproxima ao mesmo tempo do âmago das relações humanas e de uma cultura, numa busca por uma “alegria” como fonte de vida e de criação.

“O passado deve ser unido com um fio dourado” explica Elena à neta, depois de lhe mostrar figuras esculpidas pela mãe quando regressou da deportação (figurinhas muito provavelmente esculpidas pela mãe da cineasta, a realizadora Nutsa Gogoberidze, depois do retorno de um Gulag). “Não podemos submeter-nos ao passado, nem apagá-lo.” Estas parecem ser as respostas a uma questão que atravessa a obra da cineasta, em que os destinos das suas personagens são fortemente determinados pelos destinos do seu País. Contra uma cultura do ressentimento, Gogoberidze/Elena opta pela via da compaixão e Elena e Archil voltam a dançar juntos uma última dança que convoca tantas outras danças passadas.

Joana Ascensão